

RESENHA DO LIVRO *ANATOMÍA DE LA FRONTERA* (MADRID: TECNOS, 2025) DE JUAN CARLOS VELASCO


Review of the book Anatomía de la frontera (Madrid: Tecnos, 2025) by Juan Carlos Velasco

Alessandro Pinzani

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, SC, Brasil

alepinzani@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8721-2134> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

Resumo: A resenha trata do livro *Anatomia de la frontera* de Juan Carlos Velasco. O livro oferece uma introdução abrangente e crítica ao tema, destinada tanto a leitores iniciantes no campo quanto a especialistas interessados na dimensão normativa das fronteiras. Os dois primeiros capítulos concentram-se na reconstrução conceitual e histórica das fronteiras — sua lexicografia, seus elementos jurídicos, suas formas e funções. Os capítulos centrais analisam a relação entre fronteiras, identidade coletiva e discurso securitário. Os capítulos finais exploram a normatividade das fronteiras e os limites e possibilidades de um regime de fronteiras abertas.

Palavras-chave: fronteiras; migrações; cosmopolitismo; nação.

Abstract: This review examines *Anatomía de la frontera* by Juan Carlos Velasco. The book offers a comprehensive and critical introduction to the topic, aimed both at readers new to the field and at specialists interested in the normative dimension of borders. The first two chapters focus on the conceptual and historical reconstruction of borders — their lexicography, legal elements, forms, and functions. The central chapters analyze the relationship between borders, collective identity, and securitization discourse. The final chapters explore the normativity of borders and the limits and possibilities of an open-borders regime.

Keywords: borders; migration; cosmopolitanism; nation.

A questão das fronteiras, tradicionalmente situada nos domínios da geografia política, do direito internacional e dos estudos migratórios, tornou-se nos últimos anos um problema conceitual de primeira ordem para a filosofia política contemporânea. Autores como Étienne Balibar, Wendy Brown, Sandro Mezzadra e Saskia Sassen vêm insistindo



que as fronteiras são hoje dispositivos centrais de ordenamento político, de gestão da mobilidade, de produção de desigualdades e de distribuição diferencial de vulnerabilidade. Nesse contexto intelectual, *Anatomía de la frontera*, de Juan Carlos Velasco, surge como uma intervenção filosófica sistemática e ambiciosa que busca não apenas reconstruir genealógica e conceitualmente o fenômeno das fronteiras, mas também repensar sua legitimidade e suas possíveis alternativas normativas.

O livro tem a clareza e a solidez teórica típicas do autor, já conhecido pelos seus trabalhos sobre cosmopolitismo, justiça global e migrações (Velasco, 2016; Velasco; La Barbera, 2019). No presente livro, Velasco propõe uma introdução abrangente e crítica ao tema, destinada tanto a leitores iniciantes no campo quanto a especialistas interessados na dimensão normativa das fronteiras.

O ponto de partida de Velasco é o que ele chama de “retorno das fronteiras” — um fenômeno empírico e político evidente desde o início do século XXI. Na era da globalização, marcada pela intensificação dos fluxos digitais, comerciais e financeiros, as fronteiras deveriam parecer anacrônicas, relíquias de uma ordem internacional ultrapassada. Contudo, ao invés de desaparecerem, elas se tornaram mais rígidas, visíveis e tecnologicamente sofisticadas. Essa contradição, percebida de modo agudo após o 11 de Setembro e novamente durante a pandemia de COVID-19, evidencia a função ambivalente das fronteiras na ordem global: enquanto são flexibilizadas para o capital e para os fluxos econômicos, tornam-se brutalmente restritivas para pessoas em situação de deslocamento, especialmente migrantes pobres, refugiados e deslocados forçados.

Velasco descreve esse duplo movimento como um processo simultâneo de desfronteirização e refronteirização. O autor recorre a dados históricos para ilustrar o fenômeno: se no fim da Guerra Fria existiam cerca de quinze fronteiras fortificadas no mundo, hoje são ao menos setenta; desde 1989, quase 30.000 km de novas fronteiras foram delimitados; e os muros contemporâneos, diferentemente dos muros ideológicos da Guerra Fria, têm por função principal bloquear a circulação pacífica de pobres e refugiados. O autor destaca ainda o caráter letal desses dispositivos: entre 1998 e 2012, mais de 6.000 pessoas morreram na fronteira México–EUA, número que supera em muito as mortes registradas no Muro de Berlim durante toda a sua existência; entre 2000 e 2014, mais de 40.000 migrantes morreram tentando alcançar outros países, sendo mais de 22.000 apenas no Mediterrâneo. Esses números, lembra o autor, rivalizam com índices de mortalidade associados a guerras e catástrofes naturais.

Essa leitura alinha-se com diagnósticos como os de Wendy Brown (2010), para quem



os muros atuais expressam tanto a crise da soberania estatal quanto sua tentativa desesperada de reafirmação performativa. Também se aproxima de Balibar (2005), que identifica na “proliferação de fronteiras” a marca de um mundo cada vez mais dividido por linhas de inclusão e exclusão diferenciais. Velasco, porém, distingue-se desses autores ao insistir na dimensão normativa do problema: entender as fronteiras não basta; é preciso avaliá-las à luz de princípios éticos e políticos que orientem sua reforma.

Velasco enfatiza que as fronteiras constituem um objeto teórico por excelência multidimensional e denuncia a “estreiteza disciplinar” que prejudica a compreensão de fenômenos complexos, defendendo a necessidade de integrar contribuições provenientes de disciplinas diversas como: geografia, sociologia política, direito, antropologia, economia e filosofia.

Esse pluralismo metodológico é coerente com o estado atual do debate internacional. Os estudos fronteiriços, inaugurados, entre outros, por Michel Foucher (1991, 2012, 2016) e aprofundados por autores como Mezzadra e Neilson (2013), insistem que a fronteira não é uma mera linha geográfica, mas um dispositivo social e político que articula práticas de controle, regimes de visibilidade, imaginários nacionais e formas de exploração. Velasco incorpora essa sensibilidade interdisciplinar, mas mantém um foco claro: a fronteira como problema da filosofia política normativa, especialmente no que diz respeito à justiça global, à legitimidade estatal e aos direitos de mobilidade.

A própria estrutura do livro confirma essa orientação. Os dois primeiros capítulos concentram-se na reconstrução conceitual e histórica das fronteiras — sua lexicografia, seus elementos jurídicos, suas formas e funções. Os capítulos centrais analisam a relação entre fronteiras, identidade coletiva e discurso securitário. Os capítulos finais exploram a normatividade das fronteiras e os limites e possibilidades de um regime de fronteiras abertas.

O primeiro capítulo, “*Fronteras: Concepto e historia*”, opera uma delimitação conceitual das fronteiras e uma aproximação genealógica às suas diversas formas históricas e às suas relações com o conceito (igualmente disputado) de soberania. A conclusão que Velasco extrai destas diferentes análises é a de que a fronteira deve ser vista como “um limite que separa, encerra e exclui, ao mesmo tempo em que une e conecta” (2025, p. 35). O segundo capítulo, “*Tipología y funcionalidad de las fronteras*”, analisa os vários tipos de fronteiras, particularmente nas suas variantes que, recentemente, ganharam mais espaço, como a de muro. Por isso, Velasco, discute o que vários autores chamam de teicopolítica (do grego *teicos*, termo que indicava o muro que circundava a *polis*). A criação

de muros, contudo, não significa que as fronteiras se tenham tornado mais rígidas. Pelo contrário, na era da teicopolítica, assistimos, paradoxalmente, ao fenômeno pelo qual as fronteiras perdem seu caráter de limite claramente definido e inclusive sua natureza essencialmente territorial. Seguindo Steffen Mau (2021), Velasco observa que hoje a fronteira não se encontra onde termina o território de um estado, mas onde são exercidas as mais variadas formas de controle, inclusive a dezenas de quilômetros das linhas fronteiriças (por exemplo, nas ruas ou nas estações de cidades no interior dos países).

A ideia de controle fronteiriço, cuja história é brevemente reconstruída na última seção do segundo capítulo, introduz a temática da relação entre fronteira, identidade coletiva e segurança, que é o objeto do terceiro capítulo que resulta o mais atual de todos, provavelmente, devido à relevância destes temas no debate político contemporâneo nos países mais ricos e, cada vez mais, também em países latino-americanos como o Chile e o próprio Brasil. É justamente ao redor destes temas que os recentes movimentos e partidos reacionários estão ganhando terreno e solapando as democracias liberais.

Ao discutir estes assuntos, o autor enfrenta diretamente o debate normativo. Os argumentos pró e contra fronteiras abertas são analisados com equilíbrio, mas a intenção é propor um modelo alternativo que torne as fronteiras menos injustas e menos excludentes. Ainda que dialogue com muitos autores que defendem diferentes posições, Velasco busca uma via própria, que combine sensibilidade empírica com realismo filosófico e que o autor expõe nos dois últimos capítulos, intitulados “*La legitimidad de las fronteras y la propuesta de abrirlas*” e “*Una visión cosmopolita de las fronteras*”.

Nesta discussão, o autor situa as fronteiras no contexto das desigualdades globais e da responsabilidade moral além do Estado. Velasco não assume as posições extremas e ingênuas de que as fronteiras são inerentemente ilegítimas ou de que elas deveriam desaparecer. Ao contrário, ele explora sua pluralidade de funções e propõe critérios sólidos de avaliação normativa. À diferença de autores que defendem de forma mais explícita a abertura quase total, Velasco parece buscar uma abordagem mais gradualista e adaptada à realidade política atual.

O autor posiciona sua proposta dentro de um cosmopolitismo crítico que busca conciliar a exigência de justiça global com a necessidade de instituições funcionais. Não se trata de defender modelos idealizados, mas de questionar a normatividade oculta que sustenta o regime atual de mobilidade. Em particular, Velasco parte da premissa de que “o acesso equitativo aos recursos da Terra e às inovações tecnológicas não é uma simples opção, mas um imperativo que diz respeito à sobrevivência da espécie” (2025, p. 108). Isso



implica repensar o papel das fronteiras e a atitude dos países mais ricos perante os fenômenos migratórios.

Com *Anatomía de la frontera*, Juan Carlos Velasco oferece uma intervenção teórica rigorosa, interdisciplinar e politicamente engajada sobre um dos temas mais urgentes da filosofia política contemporânea. A partir do diagnóstico de que vivemos em tempos amuralhados, o autor articula uma crítica consistente ao atual regime global de mobilidade, à naturalização das fronteiras e ao discurso securitário que permeia o espaço público.

Trata-se, portanto, de uma contribuição valiosa para debates sobre soberania, justiça global, democracia, migração e direitos humanos. Ao mesmo tempo introdutório e crítico, o livro cumpre a difícil tarefa de oferecer um panorama geral das fronteiras contemporâneas sem perder em precisão analítica.

Para a filosofia política, *Anatomía de la frontera* é uma obra que merece ser lida e discutida. Ela reabre de modo rigoroso, mas matizado a questão da legitimidade das fronteiras e desafia o leitor a considerar seriamente alternativas ao regime atual de exclusão e desigualdade. Em tempos de nacionalismos reativos, medos fabricados e muros cada vez mais altos, a reflexão de Velasco é não apenas intelectualmente relevante, mas politicamente necessária.

Referências

BALIBAR, Étienne. Fronteras del mundo, fronteras de la política. **Alteridades**, v. 15, n. 30, p. 87–96, 2005.

BROWN, Wendy. **Walled states, waning sovereignty**. New York: Zone Books, 2010.

FOUCHER, Michel. **Fronts et frontières**. Paris: Fayard, 1991.

FOUCHER, Michel. **L'obsession des frontières**. Paris: Perrin, 2012.

FOUCHER, Michel. **Le retour des frontières**. Paris: CNRS, 2016.

MAU, Steffen. **Sortiermaschinen**: die Neuerfindung der Grenzen im 21. Jahrhundert. München: Beck, 2021.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. **Border as method**: the multiplication of labor. Durham: Duke University Press, 2013.

VELASCO, Juan Carlos. **El azar de las fronteras**. México: FCE, 2016.

VELASCO, Juan Carlos; LA BARBERA, Maria Caterina (eds.). **Challenging the borders of justice in the age of migrations**. Cham: Springer, 2019.

DADOS DE PUBLICAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

ORIGEM DA PESQUISA

A submissão é resultado do projeto de pesquisa “*Fronteras, democracia y justicia global. Argumentos filosóficos en torno a la emergencia de un espacio cosmopolita (IUSFRONT)*”, coordenado por Juan Carlos Velasco, CSIC, Instituto de Filosofia, Madrid, Espanha.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Utilizei ChatGPT para revisão linguística do manuscrito.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

As pessoas autoras declaram os seguintes interesses conflitantes: participo de um grupo de pesquisa coordenado pelo autor do livro resenhado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

A pesquisa não possui dados. O artigo não contém dados coletados ou obtidos por meio de análises a partir de fontes primárias.

LICENÇA DE USO

As autorias cedem à revista ethic@ os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Darlei Dall’Agnol

HISTÓRICO

Recebido em: 07-01-2026

Aprovado em: 27-02-2026

Publicado em: 31-03-2026

